

A RELAÇÃO ENTRE A PESTE NEGRA E OS JUDEUS

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE BLACK DEATH AND JEWS

Kellen Jacobsen Follador¹

Resumo: Na Idade Média, existia uma íntima relação entre religião e medicina e algumas doenças eram interpretadas como castigo divino. Nesse contexto, o surto de peste negra que afligiu os reinos europeus entre 1348-1350 foi interpretado de forma religiosa por uma parcela da população cristã. A partir dessa proposta, o objetivo deste artigo é apresentar a relação entre a peste negra e a minoria judaica.

Palavras-chave: peste negra, judeus, violência.

Abstract: In the Middle Ages there was a close relationship between religion and medicine and some diseases were interpreted as divine punishment. In this context, the outbreak of the Black Death which afflicted the European kingdoms between 1348-1350 was interpreted religiously for a portion of the Christian population. Therefore, the intent of this paper is to present the relationship between the Black Death and the Jewish minority.

Keywords: Black Death, Jews, violence.

¹ Pós-doutoranda em História pela UNICAMP. Professora do curso de História (EaD) da UFES e da UNIVESP.

1. INTRODUÇÃO

A medicina praticada pelos cristãos na Idade Média se encontrava, de forma geral, muito pouco desenvolvida, mesmo se comparada à medicina praticada por outros grupos sociorreligiosos contemporâneos como judeus e muçulmanos. De qualquer forma, a estreita relação que existia entre religião e medicina, assim como entre medicina e outros saberes, como astrologia, era algo comum a estes três grupos.

A medicina praticada por cristãos, assim como outros conhecimentos, durante quase toda a Idade Média esteve submetida ao mundo religioso e, como uma consequência dessa submissão, as enfermidades foram interpretadas, dentre outros, pelo viés religioso. Assim, doenças que se mantiveram presentes por toda a Idade Média, como a lepra e a epilepsia, só para citar dois exemplos, eram tratadas como resultado dos pecados da carne e acabavam por se transformar em um problema social, visto estes doentes serem marginalizados² pela sociedade cristã.

Nesse sentido, o surto de peste negra que arrasou a Europa entre os anos de 1348-1350 também foi interpretado de forma religiosa por uma parcela da população cristã. Duas minorias que já eram marginalizadas foram acusadas e penalizadas pelo surgimento da doença: judeus e leprosos. Apesar de ambos os grupos terem sido acusados de causar a epidemia, o foco deste artigo se volta apenas para a minoria judaica.³

Logo, o objetivo deste artigo é apresentar como uma parcela dos cristãos europeus no século XIV relacionou as causas da epidemia com a minoria judaica e quais as consequências dessa relação para os judeus. Para tanto, a primeira parte do artigo apresenta brevemente a doença e seus sintomas; discute a relação entre a crise de subsistência e a epidemia; indica as rotas de transmissão no biênio 1348-1350; destaca suas consequências em

² Na Idade Média vários grupos, cristãos ou não, eram marginalizados por serem considerados dentre, alguns motivos, impuros. Essa impureza era considerada fruto do pecado e acreditava-se que se manifestada de várias formas, dentre elas o acometimento de uma doença, principalmente se esta deixasse marcas pelo corpo ou sequelas psíquicas. Para maiores informações sobre grupos marginalizados na Idade Média, ler: ZAREMSKA, H. Marginais. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, v. 2.

³ A bibliografia utilizada traz maiores detalhes sobre a relação entre leprosos e peste negra durante a Idade Média, assim como oferece um apanhado historiográfico sobre a medicina na Idade média.

algumas regiões da Europa. A segunda parte aborda o imaginário cristão sobre os judeus, com destaque para os mitos antijudaicos; discute os dois argumentos –pecado e envenenamento – que foram usados para identificar os judeus como causadores da epidemia; apresenta as consequências de tais acusações para as comunidades judaicas em várias regiões da Europa; e por fim analisa a contribuição de dois tratados médicos no que se refere às causas da epidemia e sua relação com a minoria judaica.

2.O SURTO EPIDÊMICO DE 1348-1350

Era outono de 1347 quando as galeras genovesas se aproximaram do porto de Messina, na ilha da Sicília. O porto, que era um dos principais pontos de parada dos navegantes que seguiam a rota da Seda, ou daqueles que vinham de outras paragens, dessa vez, não permitiu que as galeras genovesas fossem esvaziadas. Ao contrário do que geralmente ocorria, estes genoveses não trouxeram consigo apenas sedas ou outras especiarias tão desejadas, mas corpos putrefatos.

Aqueles que tiveram contato com as galeras assustaram-se com a situação dos corpos e dos moribundos que ali se encontravam, escurecidos pelas hemorragias subcutâneas e cobertos por furúnculos ensanguentados que exalavam pus e mau-cheiro. Temerosos das consequências daquela doença, os responsáveis pelo porto de Messina não permitiram que as galeras atracassem e exigiram que elas partissem sem demora, assim como o fizeram outros portos nos quais tentaram atracar. Porém, o problema já se encontrava presente e dentro de poucos dias a enfermidade já havia se espalhado pelas cidades portuárias pelas quais as galeras passaram. Dentro de dois anos, 1348-1350, a doença se espalhou por toda Europa e se transformou em uma epidemia, dizimando de um terço à metade da população europeia.

Esta doença, que se repetiu pelo menos mais duas vezes no século XIV, 1362 e 1382, passou a fazer parte do rol de doenças infecciosas que frequentemente acometiam a população europeia até pelo menos o século XVIII. Porém, no século XIV suas consequências foram desastrosas, levando à morte, se considerarmos as três ocorrências, mais de 50 % da população. Em muitas regiões da Europa, o decréscimo populacional e as consequências econômicas e sociais da epidemia só foram revertidas por volta do século XVI.

O agente infeccioso da doença que ficou conhecida a partir do século XVIII como *peste negra*⁴ foi transmitido primeiramente aos humanos pela mordida de ratos infectados e pela picada de pulgas que se hospedavam nestes ratos, ou pelo contato com os animais mortos cujas bactérias se infiltravam na pele humana por meio de rachaduras e feridas. A falta de salubridade do mundo medieval era propícia à presença de roedores que transmitiam a doença às pulgas que, por sua vez, contaminavam os seres humanos, tratando-se assim de uma zoonose. A partir do contágio por zoonose o humano passava a bactéria *Yersinia Pestis* aos parasitas e às pessoas (Sánchez-David, 2008).

Três são as formas principais da doença: bubônica, pneumônica e septicêmica. A primeira foi a que mais marcou o imaginário medieval e as representações gráficas que buscavam caracterizar a doença. A variação bubônica tinha como sintomas a febre, aumento e posterior supuração dos gânglios linfáticos do pescoço, axilas e virilhas, manchas negras decorrentes das hemorragias e delírios. Além da doença transmitida pelo parasita, o ser humano pode contrair e disseminar a bactéria *Yersinia Pestis* a partir das secreções, o pus e o sangue expostos pela pele na versão bubônica, ou emitidos pela tosse na versão pneumônica. A versão pneumônica se tornou o principal vetor de transmissão no período do inverno, enquanto que a bubônica necessitava de altas temperaturas para manter a bactéria viva em seus

⁴ O termo *Peste Negra* passou a ser usado apenas depois do século XVIII. Arrizabalaga Valbuena (1991), um estudioso dos compêndios de medicina do século XIV, acredita que a origem do termo se mantém como um mistério no contexto da história da doença. O autor destaca que a locução latina *atra mors* pode ser a origem do nome popular da doença, que provavelmente se originou de uma tradução literal do latim *pestis atra* ou *atra mors* às línguas vernáculas no século XV, visto a palavra *atra* também fazer referência em latim à cor *preto*. Martin (2007) ratifica essa suposta tradução literal dos termos usados na Idade Média, uma vez que afirma que na locução *atra mors* ou *pestis atra*, a palavra *atra* “também poderia significar *terrível* ou *medonho*, assim como *preto*”. Logo, os indivíduos contemporâneos à epidemia de 1348 podiam se referir a ela como uma “terrível morte” ou “terrível peste”, como mostram os estudos de Arrizabalaga Valbuena (1991), mas foram traduzidas literalmente séculos depois como “peste negra” ou “morte negra”. Mollat, Wolff e Funes (1976) afirmam que o nome dado à epidemia *peste negra* se deriva das descrições medievais em relação às escrófulas e à cor dos corpos que se tornavam escurecidos devido às hemorragias subcutâneas na forma bubônica da doença, mas tal interpretação é negada por Byrne (2012, p. 52) que destaca que a tradução inglesa dos termos *pestis atra* ou *atra mors* verte a palavra *atra* por *terrível*. No termo *black death*, já usado nos séculos XVI e XVII, a palavra *black* não foi traduzida por *preto* ou *negro*, mas por *terrível* não se referindo ao sintoma físico que a doença deixava nos corpos.

hospedeiros transmissores.⁵ A versão septicêmica da doença, uma infecção direta na corrente sanguínea, levava a um choque séptico que combinado com hemorragias resultava em uma morte rápida, que por vezes impedia o doente de receber os sacramentos finais, como a extrema unção. (Sánchez-David, 2008; Franco Júnior, 2006; Martin, 2007).

A agressividade, o alto índice de contágio, a quantidade e a rapidez com que a doença levava à morte, fizeram com que os indivíduos buscassem com maior afinco os meios que segundo a religião cristã possibilitariam a salvação da alma, dentre eles a observação dos sacramentos.

De modo geral, os cristãos não cumpriam todos os sacramentos, exceto pelo batismo e a extrema unção, ambos relacionados com o perdão dos pecados e com a salvação da alma. Nos períodos marcados por alguma pestilência, como foram os de 1348 a 1350, o cumprimento dos sacramentos se tornava algo mais generalizado, pois era um meio de se preparar para a morte que assombrava de forma iminente e igualitária qualquer cristão (Quírico, 2012).

Os profissionais que lidavam diretamente com a doença como médicos,⁶ dentre eles judeus,⁷ padres e coveiros estavam mais vulneráveis à pestilência.

⁵ Acredita-se a propagação da bactéria *Yersinia Pestis* durante os meses mais frios, como o final do outono e todo o inverno, ocorria por via respiratória na variedade pneumônica, uma vez que a pulga de ratos transmissora da versão bubônica mantinha seu ciclo de vida a uma temperatura entre os quinze e vinte graus célsius. VACA LORENZO, Angel. La Peste Negra en Castilla (nuevos testimonios). In: *Studia Historica*. Historia medieval, 1990, n.8, p. 159-173.

⁶ Para maiores informações sobre a medicina enquanto uma área do saber cristão na Idade Média, principalmente em Portugal, ler: SANTOS, Dulce O. A. . Os saberes da medicina medieval. In: *História Revista*, 2014, v. 18, p. 121-134.

⁷ Papas e reis na Idade Média utilizavam constantemente os conhecimentos médicos de judeus. Na Península Ibérica, último reduto da presença judaica na Europa, eles frequentavam a Corte régia e desempenhavam outras funções junto à Coroa que não somente aquelas ligadas à medicina. Astrologia, traduções e finanças eram algumas das áreas do conhecimento dominadas pelos judeus na Idade Média e utilizadas em prol dos monarcas. Teresa Martialay Sacristán aborda a prática da medicina por judeus e cristãos-novos no reino de Castela, assim como as interfaces da ciência e da religião na atividade médica durante a Idade Média. Para maiores informações sobre o papel desempenhado por médicos de origem judaica, indica-se a leitura da autora citada. Para informações sobre a relação entre medicina, religião e magia na Idade Média, recomenda-se a leitura dos demais artigos do livro ao qual a obra de Martialay Sacristán compõe: MARTIALAY SACRISTÁN, T. La práctica de la medicina por los judíos entre la magia y la ciencia. Aceptación y rechazo. In: AMRÁN, R. (Ed.). *Las minorías: ciencia y religión, magia y superstición en España y América (siglos XV al XVII)*. Santa Barbara: eHumanista, 2015, p. 16-29. Disponível em: [file:///C:/Users/Kellen/Downloads/Dialnet-LasMinorias-571734%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Kellen/Downloads/Dialnet-LasMinorias-571734%20(1).pdf)

Embora no imaginário cristão os judeus fossem culpados pelo surgimento da peste negra, eles sucumbiram à epidemia como qualquer cristão e os médicos provavelmente foram um dos vetores: infectados devido à profissão disseminavam a epidemia entre a comunidade judaica. Nas comunidades cristãs, muitos sacerdotes contraíram a doença no exercício de suas funções, visto serem amplamente solicitados pelas famílias dos moribundos. Havia momentos nos quais as paróquias encontravam-se sem religiosos para ministrar a eucaristia e a extrema unção devido seus párocos sucumbirem à doença.

Quanto ao fato de os judeus serem, assim como os cristãos, altamente acometidos pela peste, Hilário Franco Júnior (2006. p. 30) afirma que a doença era “democrática e igualitária”, atingia de cristãos a judeus, de homens santos a pecadores, desde a rica aristocracia feudal e citadina aos pobres camponeses e trabalhadores assalariados, alcançando “organismos bem e mal alimentados”. Todos estavam à mercê da doença e a diferença era pautada no nível de exposição.

Franco Júnior (2006, p. 31) menciona que “ao contrário do que os historiadores sem conhecimento médico sempre afirmaram, a má nutrição não era condição agravante para alta mortalidade”. Apesar da crise de subsistência que a Europa enfrentava à época, existiam muitas famílias abastadas cujos membros não sofriam de má nutrição e, mesmo assim, todos que de alguma forma estiveram em contato com a doença sucumbiram a ela praticamente sem chances de sobrevivência.

Autores como Monteano Sorbet (2001) e Martin (2007) concordam com o medievalista brasileiro sobre o alto grau de contágio da doença e a indefesa de pessoas saudáveis, bem alimentadas e que tinham acesso a cuidados médicos regulares. Nesse sentido, citam exemplos de componentes da realeza ibérica que faleceram devido à peste, como o rei de Castela Afonso XI que contraiu a doença em um acampamento militar durante o cerco à região de Gibraltar. O monarca castelhano foi o único rei europeu vitimado pela peste, não obstante o caso ter se repetido com componentes de outras Cortes europeias, a exemplo da filha mais jovem e de uma sobrinha do rei Pedro IV de Aragão, assim como de sua esposa, a rainha (Monteano Sorbet, 2001; Martin, 2007).

No que se refere à crise de subsistência na Europa do século XIV em relação à disseminação da peste negra, Vaca Lorenzo (1984), tendo como base Biraben (1975) e Rubio Vela (1979), refuta a clássica teoria de que a fome e a desnutrição da população mais pobre constituíram a principal facilidade para a propagação da epidemia. Essa teoria, debatida pelos estudiosos citados neste artigo, afirma que havia uma relação direta entre o ciclo de efeitos climáticos negativos, más colheitas, escassez de alimentos, fome, e a mortandade causada pela epidemia. Nesse sentido, os ciclos de más colheitas e insuficiência na produção de alimentos ocorrida principalmente entre 1315 e 1317, e posteriormente 1340 e 1350 levaram muitos historiadores a interpretar esses fatores como inerentes ao contágio da doença. Pelo contrário, Biraben (1975) e Rubio Vela (1979) negam a existência de uma relação direta entre a fome e a epidemia, uma vez que a posterior etiologia e casos empíricos demonstraram que uma boa alimentação não é sinônimo de imunidade frente a esta doença, nem a carestia alimentar sinônimo de maior probabilidade de contágio.

O rápido contágio na Idade Média está envolvido com o curso natural de qualquer epidemia que não possui meios de contenção por parte da população afetada, ou dos conhecimentos médicos da época. Ademais, a rápida disseminação foi resultante de a doença ter se expandido na Europa a partir de diferentes focos e nas dimensões bubônica, pneumônica e septicêmica, o que agravava qualquer esforço em combatê-la. O alto índice de contágio estava relacionado ao grau de exposição, principalmente entre aqueles destinados aos cuidados com os doentes, como familiares mais próximos, criados, padres e médicos. As pessoas que lidavam diretamente com os enfermos estavam mais vulneráveis, particularmente se o doente carregasse consigo a versão pneumônica. Em consequência, o círculo de contato dos familiares e desses profissionais também era atingido, o que facilitava na propagação da doença.

Logo, a fome não foi a vilã da queda demográfica europeia no final da Idade Média, mas a chegada do bacilo *Yersinia Pestis* a diferentes portos e regiões do continente (Nirenberg, 2001), visto que a propagação ocorria por rotas marítimas ou terrestres que eram usadas como comunicação entre as regiões.

No que tange às rotas de propagação, a França foi atingida tanto pelo porto de Marselha quanto por terra, nas zonas que ligavam seu interior às cidades italianas, que, por sua vez, foram primeiramente contaminadas por rotas marítimas. A Alemanha foi atingida principalmente por caminhos terrestres e a Inglaterra por via marítima. Na península Ibérica, em Navarra a doença chegou desde o sul da França pelo Caminho de Santiago de Compostela usado, dentre outros, por penitentes em busca de expiação para seus pecados (Monteano Sorbet, 2001). Em Aragão a contaminação ocorreu pelo porto de Barcelona e por terra desde o sul da França. Por sua vez, o reino de Castela foi atingido por rota marítima no litoral leste e por vias terrestres que ligavam o reino a Portugal e a Granada, ambos atingidos desde seus portos.

Quanto às rotas de contágio, há um senso comum entre historiadores que as regiões mais isoladas e com baixo índice demográfico tendiam ao menor contágio. O uso generalizado de tal proposta pode ser refutado por algumas pesquisas, como a de Monteano Sorbet (2001) que com base em dados estatísticos de arrecadação fiscal analisou o decréscimo populacional do reino de Navarra, destacando que a baixa densidade demográfica não freou a expansão da epidemia. Romano e Tenenti (1980), por sua vez, acreditam que é difícil precisar se o índice de contágio era maior nas cidades que no campo, pois em momentos de crise de subsistência ou epidêmicas a fuga de uma região a outra era frequente.

Não obstante a fuga de regiões contaminadas ser um meio de se evitar o contato com a pestilência, os cristãos também utilizaram outras maneiras para se proteger, dentre elas as peregrinações, as orações, os autoflagelos e o combate àqueles considerados pecadores. E, nesse sentido, os olhares voltavam-se para os judeus.

Nesse momento, as pessoas sentiam a morte mais próxima que nunca e, cada um a seu modo, buscava a salvação. As interpretações religiosas para o fato foram diversas, desde considerar a epidemia como um castigo divino até vê-la como um prenúncio do fim dos tempos. Para Delumeau (1989),⁸ a

⁸ O capítulo "A espera de Deus" da obra "História do Medo no Ocidente: 1300-1800" traz uma profunda análise da escatologia durante a Idade Média, destacando que o medo do fim do mundo foi mais intenso no século XV e início do XVI do que no ano mil e que essa fase passou "despercebida" pelos historiadores devido à atenção dada a outros assuntos na transição da Idade Média para a Idade Moderna.

espera escatológica⁹ podia incutir a esperança ou o medo. Este se fazia presente na maioria dos casos devido à crença nas desgraças que poderiam anteceder o fim do mundo, como a vinda do Anticristo. O medo do Anticristo se acentuava pois no século XIV alguns pregadores mendicantes difundiam que ele já teria nascido como um judeu.¹⁰

Para os seguidores de qualquer das duas interpretações, a peste como castigo divino ou prenúncio do fim dos tempos, cumprir os sacramentos da confissão e eucaristia não eram suficientes para purgar as faltas cometidas (Quirico, 2012). O sofrimento da carne se fazia necessário para expiar os pecados, fosse esse sofrimento do próprio flagelante ou de outros que eram vistos como origem da ira divina.

Desse modo, a calamidade que ceifou a vida de um terço da população europeia exacerbou o espírito religioso e levou cristãos a intensificarem os atos de caridade, piedade, doações à Igreja, peregrinações e autoflagelo. Por outro lado, a busca pelo perdão dos pecados intensificou um conflito social e religioso já existente: a perseguição das minorias, dentre elas a minoria judaica.

3.OS JUDEUS E A PESTE NEGRA

3.1 O antijudaísmo como fundamento para as acusações

A doença, que se espalhou por toda a Europa em apenas alguns meses e dentro de dois anos ceifou a vida de metade ou mais de sua população, era considerada por parte dos cristãos ora como uma punição divina pelos pecados da humanidade, principalmente dos grupos marginalizados que eram considerados os maiores pecadores, dentre eles destacando-se os judeus; ora

⁹ Na tradição cristã, o termo escatologia designa as ideias concernentes ao fim do mundo ou aos eventos que atingirão seu termo com Juízo Final. O termo *milenarismo* significa a espera de um reino de mil anos sob a égide de Cristo, então de volta à terra antes do Juízo Final (Töpfer, 2006, p. 353-365).

¹⁰ Jeremy Cohen defende que o crescente antijudaísmo identificado na Europa cristã a partir do século XIII se deve em grande parte às transformações no pensamento cristão promovidas pelo movimento intelectual e teológico antijudaico dos frades mendicantes. Nos séculos XII e XIII os frades mendicantes, principalmente franciscanos e dominicanos, destrincharam os livros sagrados do cristianismo e judaísmo a fim de provar quão pecaminosos, detestáveis e perigosos eram os seguidores do judaísmo, considerado a partir de então pelos frades como doutrina herética (Cohen, 1982).

como resultado do complô entre judeus e leproso no envenenamento de poços e fontes d'água, como será explanado mais adiante.

Essa crença na culpabilidade dos judeus era em parte fruto da deterioração das relações interconfessionais, que foi agravada a partir do ano mil, quando da disseminação de mitos antijudaicos cujos enredos reforçavam a visão negativa que parte dos cristãos possuía dos judeus. As histórias destes mitos eram tidas como verdadeiras por aqueles que as disseminavam e expunham aquilo que os cristãos pensavam ser o ódio dos judeus por eles e pelo cristianismo. Assim, acreditava-se que os judeus buscavam prejudicar os cristãos e atingir os ícones de santidade do cristianismo. Os mitos eram diversificados e relatavam assassinatos rituais, profanação de hóstias, profanação de objetos sagrados e um complô – formado por minorias sócio-religiosas que os cristãos apontavam como pecadores – que objetivava destruir os cristãos.¹¹

Antón (2012, p. 214), acredita serem tais acusações lendas difundidas pelos apologistas cristãos com o intuito de influenciar a mentalidade popular e comover as almas mais sensíveis, deteriorando a visão que se tinha dos judeus e transformando-os na alteridade cristã. Em outras palavras, transformando-os, segundo o autor, em um verdadeiro “ícone do mal”.

Nesse sentido, a perfídia e o pecado da ira foram imputados aos judeus e inseridos num contexto de complô anticristão, no qual estes inimigos da Cristandade se reuniam com outros pecadores – principalmente leproso e muçulmanos – a fim de prejudicar ou eliminar os cristãos. Venenos e feitiçaria eram, segundo muitos cristãos, os métodos mais utilizados pelos pecadores reunidos em complô. De acordo com Cantera Montenegro (2008), na Baixa Idade Média acreditava-se que os médicos judeus tinham a incumbência de assassinar um a cada cinco pacientes, ao qual ministravam poções venenosas. Tal crença levou os médicos da faculdade de Viena a acusarem os médicos judeus de terem um código secreto que exigia o assassinato de um paciente em dez (Richards, 1993, p. 108).

¹¹ Para maiores informações sobre os mitos antijudaicos na Idade Média, ler: MONSALVO ANTÓN, J.M. Los mitos cristianos sobre crueldades judías y su huella en el antisemitismo medieval europeo. In: GARCÍA FERNÁNDEZ, E. (Ed.). *Exclusión, racismo y xenofobia en Europa y América*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2002, p. 13-87.

Na Idade Média grande parte dos cristãos via os judeus como a personificação do mal. Para esses cristãos os judeus eram agentes demoníacos que nutriam contra eles inveja e ira e, embalados por esses pecados, maquinavam e realizavam maldades com o intuito de prejudicá-los moral e fisicamente. Essas acusações contra os judeus levavam parte da comunidade cristã a considerá-los pecadores e servos do Diabo.¹² Dessa forma, desenvolveu-se na imaginação popular uma demonologia que ligava o judeu às características antropomórficas de Satã, como chifres, orelhas de porco, barba e patas de bode, rabo e odor fétido¹³ de enxofre (Fontette, 1989, p. 55).

A convivência e os conflitos interconfessionais alimentavam o imaginário medieval de tal forma que influenciaram a estigmatização dos judeus. Esta estigmatização, por sua vez, intervinha nas relações sociais entre os grupos, pois, consoante Chartier (1991), a representação que se faz do outro é concomitantemente determinada pela sociedade à qual está vinculada e determinante da percepção que os indivíduos possuem da realidade. Cantera Montenegro (2008, p. 324-325) destaca que esse ponto de vista sobre a malignidade judaica e o desejo de destruir os cristãos tinha “un claro matiz religioso [...] y no étnico” e era atribuído ao povo judeu como um todo e de forma atemporal.¹⁴

¹² Sobre a demonologia e o imaginário cristão sobre o tema, ler: RUSSELL, J. B. *Lucifer. El diablo en la Edad Media*. Barcelona: Laertes, 1995; RUSSELL, J.B. *El diablo percepciones del mal desde la Antigüedad hasta el cristianismo primitivo*. Barcelona: Laertes, 1977. IANCU-AGOU, D. *Le diable et le juif. Représentations médiévales iconographiques et écrites*. In: *Le diable au Moyen Âge*. Paris, 1979.

¹³ Na Idade Média, parte dos cristãos acreditava que os judeus exalavam um mau cheiro que os associavam ao bode e, conseqüentemente, ao Demônio, ou mesmo exalavam um odor de enxofre que era característico do submundo. Quando essas questões olfativas eram tratadas alegoricamente, o mau cheiro simbolizava o pecado e se opunha ao “odor de santidade”, característico daqueles que viviam conforme os preceitos divinos (Zaremska, 2006, p. 129)

¹⁴ O autor salienta que as características físicas atribuídas aos judeus nas representações visuais, como o nariz ganchudo, eram um meio para identificá-los enquanto pecadores frente aos cristãos, sendo um sinal imposto e não hereditário. Os artistas buscavam expressar visualmente um conceito já existente no imaginário popular, o de um judeu pecador, sendo que não “pretendía [...] expresar unas características propiamente étnicas, sino una idea teológica relacionada directamente con la idea de salvación”, como nas obras que retratam a Paixão de Cristo com judeus contrários à palavra de Cristo retratados conforme a representação negativa que se fazia deles. As características físicas e estereótipas serviam para identificar nas representações visuais os pecadores frente aos judeus apóstolos e seguidores de Jesus (Cantera Montenegro: 2008, p. 324-325).

Para Delumeau (1989, p. 32), o discurso eclesiástico influenciou no medo sentido pelos cristãos, pois asseverava que os perigos da natureza, as guerras, as doenças e quaisquer mazelas terrenas eram “menos temíveis do que o demônio e o pecado;¹⁵ e a morte do corpo menos do que a da alma”. Nesse sentido, incentivava os cristãos a “desmascarar Satã e seus agentes e lutar contra o pecado” uma vez que eram as causas dos infortúnios terrenos. Os cristãos que seguiam essa interpretação atacavam as comunidades judaicas movidos principalmente por dois motivos: por um lado acreditavam que os judeus eram pecadores que provocavam a ira divina contra os cristãos e, por outro lado, por acreditarem que os judeus haviam envenenado os poços d’água.

Horrox (1994) salienta que em 1349 surgiu a notícia de que o ar estava corrompido devido aos judeus terem envenenado poços, fontes d’água e rios. Esse tipo de interpretação sobre acontecimentos naturais – ou provocados por ação humana – não era uma novidade do século XIV, uma vez que as minorias religiosas e sociais costumavam ser consideradas como culpadas. No que se refere aos judeus, numa sociedade permeada pela escatologia e pelas teorias agostinianas,¹⁶ a recusa da conversão era interpretada por muitos cristãos como a causa das mazelas que abatiam os fieis ao cristianismo.

Monsalvo Antón (2002) recorda que as acusações que relacionavam os judeus à peste negra se deram em 1349 devido principalmente a três fatores: parte dos cristãos considerá-los pecadores; pela crença de alguns cristãos no complô entre os judeus para acabar com o cristianismo; e devido a uma acusação surgida no sul da França na Semana Santa de 1321.

Os dois primeiros fatores foram apresentados nas páginas anteriores. Quanto à acusação surgida na Semana Santa de 1321, ela consistia em uma denúncia sobre o rei mouro de Granada ter arquitetado um plano que seria

¹⁵ Sobre a influência do pecado e suas consequências na vida e no imaginário cristão na Idade Média, ler: CARRASCO MANCHADO, A. I.; RÁBADE OBRADÓ, M. P. (Coords.). *Pecar en la Edad Media*. Madrid: Sílex, 2008. CASAGRANDE, C.; VECCHIO, S. Pecado. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, v. 2, p. 337-51. CASAGRANDE, C. ; VECCHIO, S. *I Sette Vizi Capitali*. Storia Dei Peccati Nel Medioevo. Torino: Einaudi, 2000.

¹⁶ Agostinho de Hipona relacionava a conversão dos judeus ao fim dos tempos. Assim, conforme suas propostas, o fim do mundo presenciaria o retorno do pregador da verdade divina, Elias; a conversão de todos os judeus, povo testemunha; a segunda vinda de Cristo; e a aparição do Anticristo (Töpfer, 2006).

colocado em prática por judeus e leprosos para causar a morte em massa de cristãos a partir do envenenamento das águas. Em 1321, apesar de não haver nenhum indício desses envenenamentos, algumas comunidades judaicas foram atacadas na França e na Alemanha. Anos mais tarde, durante o período de 1348-1350, a acusação relativa à Semana Santa de 1321 foi retomada, identificando na epidemia de peste negra os resultados do plano colocado em prática pelos judeus. A acusação sobre envenenamento das águas recebeu maior crédito depois que judeus em diversas regiões da Alemanha confessaram em 1349, mediante tortura, que haviam produzido venenos para serem jogados nas fontes e poços d'água¹⁷.

Após a confissão de 1349 os ataques ocorreram em várias regiões da Europa, com menor intensidade na Península Ibérica, atingindo milhares de vítimas. Na cidade francesa de Estrasburgo as crônicas lançam a cifra de dois mil judeus queimados em 1349. Na Alemanha, as cidades de Mogúncia, Worms e Colônia, palco de sérios ataques durante as Cruzadas,¹⁸ presenciaram mais uma vez a morte de milhares de judeus (Monsalvo Anton, 2002). Perseguidos indiscriminadamente – incluindo mulheres, idosos e crianças – os judeus eram mortos a fio de espada, queimados ou convertidos à força. Segundo Horrox (1994), em regiões da Alemanha muitas mães se jogavam nas chamas com seus filhos para não serem batizados.¹⁹

De acordo com Nirenberg (2001), algumas comunidades judaicas do reino de Aragão também foram atacadas entre 1348 e 1349, ao contrário de Castela e Navarra que não registram ataques. Em Navarra não se produziu nenhuma matança de judeus talvez porque vinte anos antes, quando ocorreu

¹⁷ A crença de parte da população cristã nessas acusações fez com que as pessoas deixassem de usar a água de poços e fontes para seus afazeres domésticos e para beber, limitando-se ao uso da água da chuva e de alguns rios. Nesse contexto, além da crise de subsistência, os cristãos que davam crédito a essas acusações passaram a sofrer com a sede (Horrox, 1994).

¹⁸ Os ataques às comunidades judaicas europeias durante as Cruzadas foram uma constante, mas existiram momentos de maior terror, como mostra "CHAZAN, R. *European Jewry and the First Crusade*. Berkeley: University of California, 1987".

¹⁹ Provavelmente a escolha pela morte à conversão ao cristianismo durante estes ataques, tinha como exemplo os casos de judeus alemães que durante as Cruzadas preferiram tirar a própria vida a se converter ao cristianismo. Essa prática ficou conhecida como *Kidush Hashem*, que na verdade é um preceito judaico que versa sobre a proibição da profanação do judaísmo e do nome de Deus, conforme Levítico 22: 32 (Kolatch, 2001). Para maior conhecimento sobre a história dos judeus nas Cruzadas e da prática do *Kidush Hashem*: "FALBEL, N. *Kidush Hashem*: crônicas hebraicas sobre as Cruzadas. São Paulo: Edusp, 2001".

um massacre nas cidades de Estella, Funes e San Adrian, os mentores foram duramente punidos pela Coroa. Provavelmente a dura punição e as medidas preventivas dos monarcas navarros inibiram o desejo popular de se vingar dos judeus (Monteano Sorbet, 2001). Em Castela a proteção destinada pela Coroa aos judeus possivelmente foi um dos motivos de não haver massacres.

Nirenberg (2001, p. 338) destaca que no reino de Aragão os “judíos no fueron atacados por ser envenenadores, sino porque sus pecados habían provocado la peste”. Considerava-se que o pecado, mesmo individual, poderia desencadear “el castigo divino” em forma de peste, sendo necessário condenar os culpados. Nesse sentido, à medida que a pestilência fazia mais vítimas, concomitantemente mais judeus eram penalizados.

Esses ataques não tinham hora e dia marcados para ocorrer, dependendo muitas vezes da exaltação de alguns populares mediante interpretações religiosas de acontecimentos corriqueiros. Exemplo disso foi o ataque à judiaria de Barcelona em maio de 1348, quando um cortejo fúnebre acompanhava o corpo de mais um cristão vitimado pela peste. Quando o cortejo passou ao lado da judiaria caiu um pouco de palha de seu muro sobre o caixão e imediatamente alguns dentre os que acompanhavam o féretro começaram a incitar os demais dizendo que as palhas haviam sido desonrosamente jogadas por algum judeu. Logo se iniciou o clamor por justiça em meio aos cristãos. A judiaria foi invadida, casas saqueadas, os documentos relativos aos empréstimos queimados e cerca de vinte judeus foram mortos (Nirenberg, 2001, p. 336). Note-se que nesse exemplo não houve menção ao desejo de converter os judeus, apenas de puni-los pelas mazelas que acometiam os cristãos barceloneses, isso é, a peste e as dívidas que nesse momento de crise provavelmente eles não conseguiriam pagar, por isso a queima dos documentos relativos aos empréstimos contraídos com os judeus.

20

²⁰ Durante a Idade Média a prática da usura, ou empréstimo a juros, era considerada como profissão desonrosa e condenada pela Igreja. A prática da usura era a atividade mais criticada pela Igreja, pois acreditava que o usurário não realizava trabalho e quando praticava o juro se apropriava e vendia algo que pertencia a Deus, isto é, o tempo (Le Goff, 1991). Nesse contexto, o empréstimo a juros tendia a ser encarado pelos cristãos como uma forma de extorsão, na qual ocorria uma transgressão à Lei de Deus, uma vez que a *usura* também era um dos *Sete Pecados Capitais* condenados pela Igreja.

Tendo em vista o exemplo acima, para Le Goff (1999, p. 282-286), a religião por vezes foi o catalizador que certas revoltas sociais necessitavam para pôr em prática suas reivindicações materiais. As acusações proporcionavam “bodes expiatórios” aos cristãos em tempos de calamidades e descontentamento, a exemplo do ocorrido durante a peste negra. Esse imaginário em torno dos judeus, acrescido dos problemas que marcaram o século XIV, como crises econômicas, conflitos políticos, crises alimentícias, catástrofes climáticas e a peste negra, facilitou a adesão da população cristã às pregações e incitações depreciativas e influenciou os ataques às comunidades judaicas.

3.2 Os compêndios médicos e a culpabilização dos judeus

Não obstante os ataques, o papa Clemente VI (1342-1352) condenou a ação de cristãos e as acusações de que a pestilência havia sido provocada pelos judeus. Em consequência, ele reafirmou a bula *Sicut Judaeis*, que colocava o povo testemunha²¹ sob a proteção da Igreja e decretou que todos os sacerdotes punissem os fieis que perseguissem ou caluniassem os judeus devido à doença que assolava a Europa (Horrox, 1994).

Vale lembrar que o papa Clemente VI não estava sozinho em sua defesa dos judeus e na descrença de que seus membros eram os culpados pela peste negra. Muitos religiosos e cristãos laicos, dentre eles pensadores ligados às ciências, ratificavam a opinião papal. Mas, como Le Goff (1999) destacou, por vezes os seres humanos buscam “bodes expiatórios” e as minorias geralmente são as escolhidas.

Nesse sentido, apesar de o papa e muitos religiosos e pensadores laicos desmitificarem o envenenamento dos poços e a culpa dos judeus no surgimento da pestilência, a opinião que se tornou mais comum foi a de que os

²¹ Agostinho de Hipona construiu o papel de *povo testemunha* para os judeus em sua teologia. Resultado de uma reflexão teológica na qual tentou resolver a questão de os judeus ainda viverem em meio aos cristãos e concomitante a isso, todas as mazelas que enfrentavam. Mediante a leitura do momento histórico no qual viveu e de suas reflexões bíblicas, considerou que os judeus não deveriam ser aniquilados, nem convertidos à força, mas, deveriam ser subjugados, inferiorizados e dispersos pelo mundo para servir de testemunho, assim como Caim que, marcado por Deus com um sinal, vagou pelo mundo como punição e exemplo do pecado cometido (Agostinho, 2000, v. 3, p. 1832-33). Para maiores informações sobre a interpretação agostiniana sobre os judeus ler: FREDRIKSEN, P. *Augustine and the Jews: A Christian Defense of Jews and Judaism*. New York: Doubleday, 2008.

judeus foram os culpados. Essa versão era respaldada pelas pregações antijudaicas de alguns religiosos, principalmente frades mendicantes, e por alguns representantes do saber secular e científico, que davam a entender que os judeus estiveram relacionados com o surgimento da doença. Para exemplificar esse caso, apresentaremos as opiniões de dois médicos que escreveram compêndios nos quais analisaram a epidemia.²²

A primeira obra é de Jacme d'Agramont. Natural da Catalunha, no reino de Aragão, era professor da faculdade de medicina de Lérida e concluiu sua obra *Regiment de preseruació de pestilincia*²³ perto de 24 de abril de 1348, morrendo pouco tempo depois vitimado pela peste. Escrito em forma de epístola e em língua vernácula, o catalão, o compêndio médico não visava instruir os alunos da universidade de Lérida, mas os governantes do município e a população. Jacme d'Agramont defendia que a causa da pestilência se situava no ar, mas havia sido de alguma forma provocada artificialmente pelo homem (Arrizabalaga Valbuena, 1991).

Com base no *Pentateuco* e no *Livro dos Reis*, Jacme d'Agramont chegou à conclusão de que a “mão de Deus” repousava sobre algumas pestilências sofridas pela humanidade e, nesses casos, as mazelas eram oriundas tanto da vontade divina quanto dos pecados dos homens. A intervenção humana era a causa da pestilência, pois “hombres malvados hijos del diablo que con diversos venenos y medicinas corrompen las viandas con falsísimo ingenio y malvada maestría” (Jacme d'Agramont, *Regiment*, p. 58 *apud* Arrizabalaga Valbuena, 1991, p. 98).

²² O estudioso Jon Arrizabalaga Valbuena (1991) analisou seis obras médicas escritas entre 1348 e 1350 por médicos universitários cristãos a respeito da Peste Negra. Os autores dos compêndios eram: Jacme d'Agramont, Gentile da Foligno, Giovanni da Penna, Alfonso de Córdoba, o grupo de doutores da faculdade de Medicina de Paris e uma obra anônima. Os autores das obras analisaram a doença do ponto de vista clínico com o auxílio do conhecimento intelectual e médico da época (manuais médicos gregos, romanos, árabes e latino-medievais) e a experiência prévia que detinham sobre doenças contagiosas.

²³ Destaca-se a fonte usada por Arrizabalaga Valbuena (1991) no intuito de facilitar o acesso ao assunto. VENY, Joan. “*Regiment de preservació de pestilència*”, de Jacme d'Agramont (s. XIV). Introducció, transcripció i estudi lingüístic. Tarragona: Diputació Provincial, 1971. Hoje a obra de Jacme d'Agramont encontra-se traduzida ao castelhano por Francisco José Cremades Rodríguez em sua tese de doutorado (2009) pela Universidad de Alicante. Disponível em: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/13434/1/tesis_cremades.pdf

A segunda obra é *Epistola et regimen de pestilentia*²⁴ de Alfonso de Córdoba. Não se conhece a história e o passado do autor, mas acredita-se que era natural de Córdoba e vivia em Montpellier, França, à época da formulação do compêndio, escrito entre 1348 e 1349. O que se sabe ao certo é que era “mestre de artes liberais e medicina” como se autointitula na obra. Defendia que a *pestilentia* não se devia a causas naturais, mas a um envenenamento proposital que havia passado do ar às águas, principalmente de poços, e a tudo o mais que era consumido naquela época. Discutia que as maiores vítimas eram os cristãos e o envenenamento proposital decorria da “maldad profunda, descubierta mediante un arte muy sutil y de gran crueldad” (Alfonso de Córdoba, *Epistola*, p. 224 *apud* Arrizabalaga Valbuena, 1991, p. 99).

Ambos propuseram que a pestilência havia sido provocada artificialmente, dando base para as acusações contra judeus. Apesar de eles próprios não terem diretamente feito tal relação, os termos que utilizavam para se referir aos prováveis envenenadores eram termos agressivos e que comumente eram usados para designar os judeus nas obras de apologia antijudaica. Destaca-se da obra de Jacme d’Agramont, as expressões: “*hombres malvados hijos del diablo*”, “*venenos y medicinas*”, “*falsísimo ingenio*”, “*malvada maestría*”, e do compêndio de Alfonso de Córdoba os termos: “*maldad profunda*”, “*arte muy sutil*”, “*gran crueldad*”.

Essas expressões eram comumente usadas nas pregações contra os judeus e na difusão dos mitos antijudaicos. O discurso utilizado contra os judeus, seja nas pregações ou na difusão dos mitos, estipulava uma relação pactual e de filiação entre eles e o Demônio, assim como o termo usado por Jacme d’Agramont “*hombres malvados hijos del diablo*”. Quanto aos venenos, parte dos cristãos acreditava que todo judeu possuía conhecimentos sobre sua manipulação, principalmente os médicos, e o termo usado por Agramont “*venenos y medicinas*” certamente soava familiar.

Outra acusação comum aos judeus era de que eles agiam com malícia e maldade no trato cotidiano com os cristãos. As pregações antijudaicas buscavam alertar aos cristãos para a falsidade e a perspicácia que poderiam ser usadas contra eles, principalmente nas transações comerciais. Nesse

²⁴ A versão usada por Arrizabalaga Valbuena (1991) foi SUDHOFF, K. *Epistola et regimen Alphontii Cordubensis de pestilentia*. *Archiv für Geschichte der Medizin*, 3, 1909-1910, 223-6.

sentido, os termos usados por Jacme d'Agramont "*falsísimo ingenio*", "*malvada maestría*" e as expressões destacadas por Alfonso de Córdoba "*maldad profunda*", "*arte muy sutil*" e "*gran crueldad*" provavelmente eram identificadas por seus leitores cristãos como uma referência aos judeus.

Levando em consideração que a obra de Jacme d'Agramont foi escrita em língua vernácula, no intuito de instruir os leigos, é possível que seu estudo sobre a peste tenha conseguido influenciar ou reforçar a opinião que uma parcela dos cristãos possuía sobre a relação entre a pestilência e suas causas, vide as comunidades judaicas terem sido atacadas em diversas regiões do reino de Aragão, acusadas de serem seus pecados a origem da pestilência.

Por outro lado, a obra de Alfonso de Córdoba, apesar de ter sido escrita em latim e não ter o alcance da obra de Jacme d'Agramont, revela a concepção que estudiosos da universidade de Medicina de Montpellier tinham sobre a pestilência e suas causas, visto terem dado suporte intelectual a uma obra que fazia tão grave acusação, de a epidemia ter sido provocada artificialmente por homens de "*gran crueldad*", em um contexto no qual as comunidades judaicas eram atacadas em várias regiões da Europa.

Jacme d'Agramont e Alfonso de Córdoba não acusaram diretamente os judeus, mas os ataques às comunidades judaicas por toda a Languedoc e Provença, assim como na Catalunha de Jacme d'Agramont, nos leva a supor que seus escritos, mesmo sem intenção direta, acabaram por influenciar um discurso reproduzido por uma parcela dos cristãos e que identificava as causas da peste com os judeus, dando certo respaldo científico às acusações e suas consequências.

4.CONCLUSÃO

A doença que ceifou a vida de milhões de pessoas no continente europeu entre os anos de 1348 e 1350 retornou mais duas vezes no século XIV, em 1362 e 1382, para arrebataram mais almas e intensificar a crise demográfica que se instalou após o primeiro surto.

O índice de contágio, a alta mortalidade, o sofrimento e o horror dos sintomas, o caráter democrático da epidemia, que não poupou nobres, sacerdotes e reis, tudo isso foi interpretado de várias maneiras naqueles anos sombrios. Existiram aqueles que consideravam que os astros celestes, devido

a sua posição e combinação, literalmente conspiravam contra os humanos; outros que vapores putrefatos, miasmas, corrompiam o ar levando à infecção até mesmo dos organismos mais sadios; o envenenamento das águas e do ar também foram temas abordados por filósofos naturais; mas a faceta mais temível das interpretações foi aquela que buscou nas minorias as causas para a grande pestilência que dizimava a Europa.

Nesse sentido, um segmento dos cristãos europeus que viveu o surto de 1348-1350 viu nos acontecimentos um presságio do fim dos tempos e buscou apaziguar a ira divina por meio da punição daqueles que eram tidos por eles como pecadores e detestáveis perante Deus.

Nessa vertente interpretativa, que apesar das condenações papais se espalhou pela maioria dos reinos cristãos, as comunidades judaicas foram atacadas e seus membros mortos por terem, na visão de seus algozes, provocado a ira divina por seus pecados ou envenenado as águas, causando de ambas as formas a epidemia. Não obstante essa interpretação, os judeus foram tão vítimas da peste quanto os cristãos e provavelmente – em cálculos relativos – em maior proporção, se considerarmos aqueles que foram assassinados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIZABALAGA VALBUENA, J. La Peste Negra de 1348: los orígenes de la construcción como enfermedad de una calamidad social. In: *Dynamis: Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, 1991, v. 11, p. 73-117.

AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, v. 3.

BIRABEN, Jean-Noel. *Les hommes et la peste en France et dans les pays européens et méditerranées*. Paris: Mouton, 1975, v. I.

BYRNE, Joseph. P. *Encyclopedia of the Black Death*. California : ABC-CLIO, 2012.

CANTERA MONTENEGRO, E. La imagen del judío como prototipo del mal en la Edad Media. In: CARRASCO MANCHADO, A. I.; RÁBADE OBRADÓ, M. P. (Coords.). *Pecar en la Edad Media*. Madrid: Sílex, 2008.

CARRASCO MANCHADO, A. I.; RÁBADE OBRADÓ, M. P. (Coords.). *Pecar en la Edad Media*. Madrid: Sílex, 2008.

CASAGRANDE, C.; VECCHIO, S. *I Sette Vizi Capitali*. Storia Dei Peccati Nel Medioevo. Torino: Einaudi, 2000.

CASAGRANDE, C.; VECCHIO, S. Pecado. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, v. 2, p. 337-51.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*, v.5, n.11, 1991.

CHAZAN, R. *European Jewry and the First Crusade*. Berkeley: University of California, 1987.

COHEN, J. *The Friars and the Jews*. The evolution of medieval anti-judaism. Ithaca: Cornell University, 1982.

DELUMEAU, J. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FALBEL, N. *Kidush Hashem: crônicas hebraicas sobre as Cruzadas*. São Paulo: Edusp, 2001.

FONLETTE, F. *História do Anti-Semitismo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1989.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREDRIKSEN, P. *Augustine and the Jews: A Christian Defense of Jews and Judaism*. New York: Doubleday, 2008.

HORROX, Rosemary. *The Black Death*. Manchester: Manchester University, 1994.

IANCU-AGOU, D. Le diable et le juif. Représentations médiévales iconographiques et écrites. In: *Le diable au Moyen Âge*. Paris, 1979.

KOLATCH, A. J. *Livro judaico dos porquês*. São Paulo: Sêfer, 2001.

LE GOFF, J. *La Civilización del Occidente Medieval*. Barcelona: Paidós, 1999.

LE GOFF, J. *Mercadores e Banqueiros da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1991

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, 2v.

MARTIALAY SACRISTÁN, T. La práctica de la medicina por los judíos entre la magia y la ciencia. Aceptación y rechazo. In: AMRÁN, R. (Ed.). *Las minorías: ciencia y religión, magia y superstición en España y América (siglos XV al XVII)*. Santa Barbara: eHumanista, 2015, p. 16-29. Disponible em:

< file:///C:/Users/Kellen/Downloads/Dialnet-LasMinorias-571734%20(1).pdf >

MARTIN, S. *The Black Death*. Harpenden: Pocket Essentials, 2007.

MOLLAT, Michel; WOLFF, Philippe; FUNES, Santiago. *Uñas azules, Jacques y Ciompi*. Las revoluciones populares em Europa en los siglos XIV y XV. Madrid: Siglo Veintiuno, 1976.

MONSALVO ANTÓN, J.M. Los mitos cristianos sobre crueldades judías y su huella en el antisemitismo medieval europeo. In: GARCÍA FERNÁNDEZ, E. (Ed.). *Exclusión, racismo y xenofobia en Europa y América*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2002, p. 13-87.

MONTEANO SORBET, P. J. La Peste Negra en Navarra. La catástrofe demográfica de 1347-1349. In: *Príncipe de Viana*, 2001, n. 62, n. 222, p. 87-120.

NIRENBERG, D. *Comunidades de violencia*. La persecución de las minorías en la Edad Media. Barcelona:Península, 2001.

QUÍRICO, Tamara. Peste Negra e escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. In: *Mirabilia*, 2012, n. 14, p. 135-155.

ROMANO, Ruggiero; TENENTI, Alberto. *Los fundamentos del mundo moderno*. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma. Madrid: Siglo Veintiuno, 1980.

RUBIO VELA, Agustín. *Peste Negra, crisis y comportamientos sociales en la España del siglo XIV. La ciudad de Valencia (1348-1401)*. Granada: Universidad de Granada, 1979.

RUSSELL, J. B. *Lucifer*. El diablo en la Edad Media. Barcelona: Laertes, 1995.

RUSSELL, J.B. *El diablo percepciones del mal desde la Antigüedad hasta el cristianismo primitivo*. Barcelona: Laertes, 1977.

SÁNCHEZ-DAVID, Carlos E. La muerte negra. El avance de la peste. In: *Revista Med*. 2008, 16 (enero-junio).

SANTOS, Dulce O. A. . Os saberes da medicina medieval. In: *História Revista*,

2014, v. 18, p. 121-134.

SUDHOFF, K. *Epistola et regimen Alphontii Cordubensis de pestilentia*. *Archiv für Geschichte der Medizin*, 3, 1909-1910, 223-6.

TÖPFER, B. Escatologia e milenarismo. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, v. 1.

VACA LORENZO, Angel. La Peste Negra en Castilla (nuevos testimonios). In: *Studia Historica*. *Historia medieval*, 1990, n.8, p. 159-173.

VACA LORENZO, Angel. La Peste Negra en Castilla. Aportación al estudio de algunas de SUS consecuencias económicas y sociales. In: *Studia Historica*. *Historia medieval*, 1984, n. 2, 1984, p. 89-107.

VENY, Joan. "*Regiment de preservació de pestilència*", de Jacme d'Agramont (s. XIV). Introducció, transcripció i estudi lingüístic. Tarragona: Diputació Provincial, 1971.

ZAREMSKA, H. Marginais. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, v. 2.